

Desenvolvimento e Inovação em Santa Catarina: o papel das universidades comunitárias do Sistema ACAFE na construção de um modelo territorial de desenvolvimento integrado

Development and innovation in Santa Catarina: the role of ACAFE System Community Universities in building an integrated territorial development model

Adelcio Machado dos Santos¹

Felipe Felisbino²

Daniel José Tenconi³

Alexandre Santos Moraes⁴

Recebido em: 19/02/2026

Aceito em: 19/02/2026

RESUMO: Este artigo analisa o papel das universidades comunitárias do Sistema ACAFE, em diálogo com o estudo de Silvio Cário (2025), na construção de um modelo de desenvolvimento e inovação regional em Santa Catarina, Brasil. Fundamentado na Teoria do Desenvolvimento e nas evidências sobre internacionalização empresarial, o estudo destaca a interação entre produção de conhecimento, inovação, capital humano e desenvolvimento territorial. O modelo catarinense caracteriza-se pelo crescimento endógeno, governança territorial e integração regional, apoiado por uma rede de universidades, empresas, governos e sociedade civil. As universidades comunitárias emergem como agentes estratégicos, promovendo pesquisa aplicada, inovação tecnológica, internacionalização de empresas e inclusão social, fortalecendo a competitividade global das empresas locais. O estudo identifica desafios como sustentabilidade financeira, desigualdades regionais e ampliação da internacionalização do conhecimento, ao mesmo tempo em que evidencia o potencial dessas instituições para consolidar um desenvolvimento regional sustentável, inclusivo e inovador. Os resultados reforçam a importância das universidades como mediadoras entre conhecimento, sociedade e desenvolvimento econômico em contextos regionais.

Palavras-chave: Santa Catarina. Universidades comunitárias. ACAFE. Desenvolvimento regional. Inovação.

ABSTRACT: This article analyzes the role of community universities of the ACAFE System, in dialogue with the study by Silvio Cário (2025), in shaping a regional development and

¹ Doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento (UFSC). Pós-Doutor em Gestão do Conhecimento (UFSC). Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3916-972X>. E-mail: adelciomachado@gmail.com.

² Mestre em Auditorias Ambientais (UNEATLÁNTICO). Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina (CEE-SC). ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4675-9273>. E-mail: felipefelisbino71@gmail.com.

³ Doutorando e Mestre em Desenvolvimento e Sociedade (UNIARP). Serviço Social da Indústria (SESI-SC). ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-0470-8044>. E-mail: daniel.tenconi@sesisc.org.br.

⁴ Especialista em Direito Constitucional (UNICESUSC). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1749-4293>. E-mail: alexandre@mega.adv.br.

innovation model in Santa Catarina, Brazil. Based on Development Theory and evidence on business internationalization, the study highlights the interplay between knowledge production, innovation, human capital, and territorial development. The Santa Catarina model is characterized by endogenous growth, territorial governance, and regional integration, supported by a network of universities, companies, government, and civil society. Community universities emerge as strategic agents, promoting applied research, technological innovation, business internationalization, and social inclusion, enhancing the global competitiveness of local enterprises. The study identifies challenges such as financial sustainability, regional disparities, and the expansion of knowledge internationalization, while emphasizing the potential of these institutions to consolidate sustainable, inclusive, and innovative regional development. The findings underscore the importance of universities as mediators between knowledge, society, and economic development in regional contexts.

Keywords: Santa Catarina. Community universities. ACADE. Regional development. Innovation.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento econômico e social de Santa Catarina constitui um caso singular no contexto brasileiro, caracterizando-se pela forte presença do capital local, pela diversificação produtiva e pela densa rede de instituições intermediárias, entre as quais se destacam as universidades comunitárias. A história recente do estado revela um modelo de desenvolvimento territorial baseado na cooperação, governança compartilhada, inovação e valorização das identidades regionais. Nesse cenário, o Sistema ACADE (Associação Catarinense das Fundações Educacionais) desempenha papel decisivo na consolidação de um ecossistema de conhecimento e inovação que articula ensino, pesquisa, extensão e desenvolvimento regional, contribuindo diretamente para a internacionalização de empresas catarinenses e para a competitividade global da economia local.

A discussão contemporânea sobre desenvolvimento tem se afastado das leituras meramente economicistas, buscando compreender as múltiplas dimensões que compõem o processo de transformação estrutural das sociedades. A partir das contribuições de autores como Celso Furtado, Amartya Sen, Ignacy Sachs e Mariana Mazzucato, o desenvolvimento é concebido como fenômeno complexo, que envolve capacidades humanas, inovação tecnológica, sustentabilidade, institucionalidade democrática e integração territorial. Essa perspectiva dialoga diretamente com o pensamento de Sérgio Cárrio (2013; 2025), para quem o desenvolvimento regional depende da formação de capacidades locais, da autonomia

institucional e da articulação entre economia, sociedade e cultura, destacando ainda a importância da inserção das empresas catarinenses em cadeias globais de valor.

As universidades comunitárias, ao se constituírem como instituições não estatais, não privadas e de compromisso público, com reinvestimento social, assumem papel estratégico como mediadoras entre conhecimento e território. Por meio de ações de extensão tecnológica, incubação de empreendimentos, formação profissional, pesquisa aplicada e programas de internacionalização, essas universidades fortalecem o capital humano e tecnológico regional, promovendo inovação, cooperação interinstitucional e desenvolvimento endógeno.

O presente artigo tem como objetivo analisar o papel das universidades comunitárias do Sistema ACADE na construção de um modelo de desenvolvimento e inovação em Santa Catarina, articulando as contribuições teóricas da Teoria do Desenvolvimento com evidências empíricas e institucionais do contexto catarinense, incluindo a atuação das empresas em processos de internacionalização, conforme evidenciado no estudo de Cário (2025). Busca-se compreender como essas instituições se consolidaram como atores centrais na estruturação de ecossistemas regionais de inovação e quais desafios persistem para a consolidação de um desenvolvimento sustentável, inclusivo e competitivo globalmente.

Metodologicamente, trata-se de um estudo teórico-analítico, sustentado em revisão bibliográfica e análise documental, com base em obras de referência e documentos institucionais da ACADE, FAPESC, FIESC e governo estadual. O texto organiza-se em nove seções: a primeira introduz o tema e a problemática; a segunda desenvolve o referencial teórico sobre desenvolvimento; a terceira analisa o modelo catarinense de desenvolvimento; a quarta examina a natureza e o papel das universidades comunitárias; a quinta discute a relação entre universidade e desenvolvimento regional; a sexta apresenta experiências de inovação e a contribuição das instituições comunitárias para a internacionalização; a sétima identifica desafios e perspectivas para o fortalecimento do ecossistema regional de conhecimento; a oitava integra os elementos de inovação, cooperação e internacionalização no contexto catarinense; e a nona reúne as considerações finais, destacando a relevância estratégica das universidades comunitárias no desenvolvimento sustentável e territorial de Santa Catarina.

REFERENCIAL TEÓRICO SOBRE DESENVOLVIMENTO

O conceito de desenvolvimento tem evoluído significativamente ao longo das últimas décadas, passando de uma visão estritamente econômica para uma abordagem multidimensional, que integra aspectos sociais, culturais, ambientais e institucionais. No contexto da Teoria do Desenvolvimento, o crescimento econômico é entendido não apenas como aumento do Produto Interno Bruto (PIB), mas como transformação das capacidades humanas, da inovação tecnológica e da estrutura institucional, promovendo o bem-estar e a justiça social.

Celso Furtado foi um dos primeiros a destacar a importância das condições históricas e estruturais no desenvolvimento econômico, enfatizando que regiões e países apresentam trajetórias distintas devido à herança social, cultural e econômica. Para Furtado, o subdesenvolvimento não é apenas falta de capital, mas resultado de desigualdades estruturais e limitações institucionais. Essa perspectiva fundamenta a análise do desenvolvimento regional, na medida em que destaca a necessidade de políticas adaptadas às especificidades locais.

Amartya Sen, por sua vez, introduz o conceito de desenvolvimento como liberdade, deslocando o foco do mero crescimento econômico para a expansão das capacidades humanas. Para Sen, desenvolvimento é a criação de condições que permitam aos indivíduos exercer escolhas significativas, abrangendo educação, saúde, participação social e autonomia. Essa abordagem conecta-se diretamente à atuação das universidades comunitárias, que formam capital humano e promovem inclusão social.

Ignacy Sachs contribui para a compreensão do desenvolvimento sustentável, propondo que crescimento econômico, justiça social e sustentabilidade ambiental devem ser tratados de forma integrada. Sachs enfatiza que o desenvolvimento regional deve articular economia, ecologia e sociedade, construindo modelos territoriais que promovam resiliência e coesão local.

Mariana Mazzucato acrescenta a dimensão do papel do Estado e das instituições públicas na promoção da inovação. Em sua perspectiva, o desenvolvimento depende da interação entre setor público, setor privado e universidades, sendo o Estado um ator empreendedor que investe em pesquisa e inovação estratégica. Essa visão sustenta a análise

do papel das universidades comunitárias como mediadoras de conhecimento e inovação, capazes de criar condições para internacionalização e competitividade global.

O desenvolvimento regional é, portanto, um fenômeno complexo, que envolve não apenas crescimento econômico, mas também capacidade de articulação institucional, cooperação territorial, inovação tecnológica e geração de conhecimento aplicado. Nesse sentido, os conceitos de desenvolvimento endógeno e territorial são fundamentais: eles destacam a importância de recursos locais, capacidades humanas e redes de cooperação para a construção de trajetórias de crescimento sustentáveis e inclusivas.

O pensamento de Sílvio Cário (2013; 2025) complementa este referencial, ao demonstrar que o desenvolvimento regional depende da formação de capacidades locais, da autonomia institucional e da integração entre economia, sociedade e cultura, reforçando a ideia de que a inovação, a internacionalização de empresas e a cooperação entre atores locais são fatores determinantes para o sucesso econômico e social de Santa Catarina. O estudo de Cário evidencia ainda que a internacionalização empresarial não é um fenômeno isolado, mas resultado de um ecossistema de conhecimento regional, no qual as universidades desempenham papel central como mediadoras entre pesquisa, mercado e sociedade.

Dessa forma, a Teoria do Desenvolvimento, ao integrar as dimensões econômica, social, institucional e tecnológica, fornece fundamento teórico robusto para analisar o papel das universidades comunitárias do Sistema ACADE na estruturação de ecossistemas regionais de inovação, na formação de capital humano e na promoção de desenvolvimento sustentável e inclusivo.

Modelo catarinense de desenvolvimento

O modelo de desenvolvimento de Santa Catarina apresenta características singulares no contexto brasileiro, marcado pela diversificação econômica, forte presença do capital local, integração produtiva e densidade institucional. Diferentemente de outros estados, onde o crescimento depende majoritariamente de investimentos externos ou de recursos naturais específicos, Santa Catarina desenvolveu um modelo endógeno, pautado na cooperação entre empresas, governo, universidades e sociedade civil, que se traduz em competitividade regional, inovação tecnológica e sustentabilidade territorial.

Um elemento central desse modelo é a rede de universidades comunitárias do Sistema ACAFE, que atua como mediadora entre conhecimento acadêmico e demandas produtivas locais. As universidades promovem pesquisa aplicada, incubação de startups, transferência de tecnologia e capacitação profissional, contribuindo diretamente para a inovação empresarial e a inserção internacional de produtos e serviços. Esta integração entre universidade e mercado regional cria um ecossistema de inovação territorial, alinhado aos conceitos de desenvolvimento endógeno e sustentabilidade social e econômica discutidos por Sachs e Mazzucato.

O estudo de Silvio Cário (2025) evidencia que a internacionalização das empresas catarinenses depende de capacidades locais sólidas, com destaque para gestão empresarial, inovação tecnológica e capital humano qualificado, elementos que encontram suporte direto nas universidades comunitárias. Cário aponta que a cooperação institucional e a governança territorial são fatores decisivos para sustentar o crescimento e consolidar a competitividade global, reforçando o papel estratégico do Sistema ACAFE como articulador do conhecimento e da inovação regional.

Outro aspecto relevante do modelo catarinense é a articulação entre políticas públicas e iniciativa privada, promovendo desenvolvimento equilibrado e sustentável. A participação das universidades comunitárias nesse contexto fortalece processos de governança compartilhada, onde a formulação de estratégias de desenvolvimento envolve múltiplos atores, garantindo que o crescimento econômico não comprometa a coesão social nem a sustentabilidade ambiental.

O modelo também se caracteriza por sua resiliência territorial, capaz de responder às mudanças globais sem perder sua identidade local. A diversificação produtiva, com destaque para setores como metalmeccânica, alimentos, têxtil, móveis e tecnologia, é acompanhada de políticas de inovação, suporte institucional e formação de capital humano qualificado. Nesse cenário, as universidades comunitárias desempenham um papel de agentes estratégicos na construção de capacidades locais, inovação e internacionalização empresarial, consolidando um padrão de desenvolvimento regional endógeno, inclusivo e sustentável.

Em síntese, o modelo catarinense combina três elementos estruturantes:

1. Desenvolvimento endógeno, baseado na valorização de capacidades locais, recursos humanos e conhecimento territorial.

2. Inovação e internacionalização, com universidades e empresas articuladas em ecossistemas que promovem competitividade global.
3. Governança territorial compartilhada, integrando empresas, universidades, governo e sociedade civil na formulação e execução de políticas e projetos de desenvolvimento.

Este arranjo institucional e produtivo constitui um referencial para o estudo de ecossistemas de inovação regionais, demonstrando que o sucesso econômico e social de Santa Catarina é resultado da cooperação estruturada e da capacidade de articulação entre múltiplos atores.

Universidades comunitárias: natureza e papel estratégico

As universidades comunitárias, integradas ao Sistema ACADE, constituem uma modalidade institucional singular no Brasil. Elas se situam entre as instituições públicas e privadas, combinando autonomia administrativa, compromisso público e reinvestimento social. Diferentemente das universidades privadas voltadas majoritariamente ao lucro ou das instituições públicas estatais, as universidades comunitárias têm como missão produzir conhecimento aplicável ao território, promovendo inclusão social, desenvolvimento local e inovação.

O caráter não estatal e não privado, com gestão vinculada à sociedade civil organizada, permite que essas instituições sejam flexíveis, inovadoras e responsivas às demandas regionais, enquanto mantêm altos padrões acadêmicos. Essa configuração institucional favorece uma conexão efetiva entre ensino, pesquisa e extensão, criando condições para que o conhecimento produzido seja rapidamente aplicado em projetos de inovação, empreendedorismo e desenvolvimento territorial.

O papel estratégico dessas universidades se manifesta em três dimensões principais:

1. Formação de Capital Humano: Por meio de cursos de graduação, pós-graduação e programas de educação continuada, as universidades comunitárias contribuem para a capacitação técnica e profissional da população regional, preparando profissionais aptos a atuar em setores industriais, tecnológicos e de serviços, essenciais para o desenvolvimento regional.

2. Pesquisa Aplicada e Inovação: Laboratórios, Núcleos de Inovação Tecnológica (NITs), incubadoras de startups e projetos de extensão tecnológica permitem que as universidades se tornem agentes de inovação, desenvolvendo produtos, processos e soluções que respondem às demandas do mercado local e internacional. Como evidenciado no estudo de Cário (2025), essa atuação é fundamental para a competitividade das empresas catarinenses em cadeias globais de valor.
3. Integração com o Território e a Sociedade: As universidades comunitárias atuam como mediadoras entre conhecimento acadêmico e necessidades do território, promovendo inclusão social, cooperação interinstitucional e governança territorial. Projetos de extensão e programas de empreendedorismo fortalecem a coesão regional, reduzindo desigualdades e ampliando oportunidades de desenvolvimento sustentável.

Essa combinação de autonomia institucional, compromisso social e integração territorial permite que as universidades comunitárias se configurem como pilares do ecossistema de desenvolvimento regional de Santa Catarina. Elas não apenas respondem às demandas locais, mas também antecipam tendências e desafios globais, como a internacionalização empresarial, o avanço tecnológico e a sustentabilidade ambiental.

Além disso, a rede do Sistema ACAFE cria sinergias entre instituições, promovendo intercâmbio de experiências, projetos interuniversitários e cooperação em pesquisa aplicada. Essa articulação aumenta a capacidade do território de gerar inovação endógena, reforçando o modelo catarinense de desenvolvimento como colaborativo, inclusivo e competitivo globalmente.

Em síntese, as universidades comunitárias do Sistema ACAFE representam uma estratégia institucional única para consolidar o desenvolvimento regional, atuando simultaneamente na formação de capital humano, produção de conhecimento aplicado, inovação tecnológica, internacionalização e integração social.

Universidade, inovação e desenvolvimento regional

As universidades comunitárias do Sistema ACAFE desempenham papel central na construção de um ecossistema de inovação territorial, articulando ensino, pesquisa, extensão

e parcerias com empresas, governo e sociedade civil. Essa atuação fortalece o desenvolvimento regional ao criar sinergias entre conhecimento acadêmico e demandas produtivas, promovendo inovação, internacionalização e inclusão social.

Inovação tecnológica e pesquisa aplicada

A inovação tecnológica é um dos pilares do modelo catarinense de desenvolvimento. As universidades comunitárias, por meio de Núcleos de Inovação Tecnológica (NITs), incubadoras de empresas e laboratórios especializados, desenvolvem projetos de pesquisa aplicada que respondem às demandas locais e globais. Esse processo permite que as empresas catarinenses adotem novas tecnologias, aprimorem produtos e processos e se tornem mais competitivas.

Além disso, a atuação das universidades fomenta a criação de startups e novos empreendimentos, estimulando o empreendedorismo regional e o fortalecimento de cadeias produtivas locais. Como aponta Silvio Cário (2025), a inovação acadêmica é um elemento decisivo para que pequenas e médias empresas acessem mercados internacionais, consolidando o desenvolvimento territorial de forma endógena e sustentável.

Internacionalização empresarial

A internacionalização das empresas catarinenses não ocorre de forma isolada; depende da presença de instituições capazes de fornecer conhecimento técnico e gerencial, capacitação profissional e suporte à inovação. As universidades comunitárias atuam diretamente nesse processo, por meio de:

- Adequação de produtos às normas e certificações internacionais.
- Desenvolvimento de competências gerenciais e técnicas para exportação.
- Parcerias com empresas para testes, prototipagem e implementação de inovações.

Essa integração entre universidade e empresa permite que regiões tradicionalmente periféricas ganhem visibilidade global, reduzindo desigualdades regionais e promovendo inclusão territorial no processo de desenvolvimento econômico.

Conexão com o desenvolvimento regional

A atuação das universidades comunitárias vai além do suporte às empresas; elas são mediadoras do desenvolvimento territorial, conectando inovação tecnológica à governança local, sustentabilidade ambiental e inclusão social. Projetos de extensão e programas de empreendedorismo fortalecem a coesão regional, enquanto políticas de cooperação interinstitucional garantem que o conhecimento gerado seja rapidamente aplicado ao território. A análise evidencia que o desenvolvimento regional catarinense é resultado de um arranjo institucional colaborativo, no qual as universidades comunitárias são pilares estratégicos. Elas contribuem para:

1. Formação de capital humano qualificado, alinhado às demandas produtivas.
2. Geração de inovação tecnológica aplicada ao mercado.
3. Ampliação da internacionalização das empresas.
4. Redução de desigualdades regionais e fortalecimento do território.

Este arranjo demonstra que o modelo catarinense é endógeno, inclusivo e sustentável, sendo fortemente mediado pelo Sistema ACADE e pelo papel estratégico de suas universidades.

Experiências de inovação e internacionalização

As experiências de inovação promovidas pelas universidades comunitárias do Sistema ACADE revelam uma dinâmica concreta de desenvolvimento territorial, onde o conhecimento é produzido, compartilhado e aplicado de modo articulado às necessidades das regiões catarinenses. Ao longo das últimas décadas, essas instituições consolidaram mecanismos de estímulo à inovação tecnológica, incubação de empresas, formação empreendedora e pesquisa aplicada, tornando-se protagonistas em um processo de desenvolvimento endógeno e sustentável.

A inovação, entendida aqui não apenas como geração de novas tecnologias, mas como capacidade social de transformação, manifesta-se na criação de arranjos produtivos locais, no fortalecimento de cadeias regionais e na formação de ecossistemas de aprendizagem e cooperação. Cada universidade comunitária atua como um nó de uma rede territorial de conhecimento, conectando saberes científicos, técnicos e populares em prol de soluções coletivas.

A partir dessa lógica, os Núcleos de Inovação Tecnológica (NITs), as incubadoras de empresas, os parques tecnológicos e os laboratórios de pesquisa aplicada tornam-se estruturas de interface entre o meio acadêmico e o setor produtivo, gerando inovação incremental e disruptiva, especialmente em setores como agroindústria, metalmecânica, têxtil, biotecnologia, tecnologia da informação e economia criativa. Ao mesmo tempo, observa-se o fortalecimento da internacionalização das empresas catarinenses, que passam a acessar mercados externos com apoio técnico e científico oriundo das universidades. Essa internacionalização não se limita à exportação de produtos, mas envolve também transferência de conhecimento, parcerias tecnológicas e intercâmbio de competências.

Nessa trajetória, a UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina) desempenha papel complementar e articulador, ampliando a capacidade institucional da rede e integrando esforços públicos e comunitários na construção de um modelo catarinense de desenvolvimento e inovação. Essas experiências traduzem na prática o conceito de governança territorial compartilhada, em que universidades, empresas, governos locais e entidades da sociedade civil interagem para promover o desenvolvimento sustentável e a competitividade global.

Internacionalização e inovação empresarial: evidências do estudo de Cário (2025)

O estudo recente de Silvio Cário (2025) sobre a internacionalização da economia catarinense evidencia que o sucesso das empresas globais do estado, como Weg e Embraco, está profundamente ligado à existência de um ecossistema regional de inovação e conhecimento. Nesse contexto, as universidades comunitárias do Sistema ACAFE desempenham papel estratégico, atuando como mediadoras do conhecimento e catalisadoras de processos de inovação que sustentam a competitividade regional.

Entre os mecanismos concretos de apoio, destacam-se os Núcleos de Inovação Tecnológica (NITs), presentes em todas as universidades comunitárias. Esses núcleos realizam registro de propriedade intelectual, transferência de tecnologia e consultorias técnicas, permitindo que empresas locais transformem pesquisas acadêmicas em produtos e processos aplicáveis no mercado internacional. Por exemplo, a Unesc, por meio do IdeiaLab, desenvolveu protótipos de equipamentos industriais adaptáveis a normas internacionais, que foram posteriormente incorporados por empresas de médio porte visando exportação.

A formação de capital humano especializado é outro vetor decisivo. Dados recentes da ACAFE (2023) mostram que mais de 80% dos egressos permanecem atuando em empresas ou projetos de inovação nas regiões onde estudaram, fortalecendo a capacidade de adaptação tecnológica das empresas locais. Essa retenção de talentos contribui diretamente para reduzir o êxodo intelectual e garantir que o conhecimento produzido seja aplicado no território, promovendo inovação endógena e sustentabilidade do desenvolvimento regional.

Projetos de incubação e empreendedorismo universitário, como o Inova Unoesc e o Laboratório de Empreendedorismo da Univali, ilustram a articulação prática entre universidade e mercado internacional. Pequenas e médias empresas catarinenses, muitas delas ligadas a setores tradicionais como metalmeccânica, móveis e alimentos, têm obtido suporte técnico, formação de equipes e acesso a redes de parceiros globais. Esses programas contribuem para a internacionalização ao preparar empresas para concorrência em cadeias globais de valor, conforme identificado por Cário (2025).

O livro também ressalta que a cooperação entre atores locais é fundamental para sustentar a internacionalização. Nesse sentido, a ACAFE atua como rede articuladora, promovendo fóruns, workshops e projetos interuniversitários que conectam empresas, governo e sociedade civil. A presença dessa estrutura garante que o conhecimento científico produzido seja relevante, contextualizado e aplicável, fortalecendo a competitividade regional de maneira coletiva, não apenas individual.

Em termos quantitativos, os indicadores de inovação das universidades comunitárias reforçam o impacto dessa articulação:

- Mais de 400 projetos de inovação tecnológica em andamento em 2022 (FAPESC, 2022).
- Crescimento anual de 25% no registro de patentes envolvendo pesquisa aplicada a setores industriais.
- Participação direta em programas de internacionalização de empresas, com projetos de adequação a normas técnicas internacionais e assessoria em exportação.

Assim, o diálogo entre o estudo de Cário (2025) e a atuação das universidades comunitárias evidencia que internacionalização, inovação e desenvolvimento regional estão interligados. As universidades do Sistema ACAFE funcionam como pilares institucionais que

transformam conhecimento em vantagem competitiva global, mantendo a sustentabilidade territorial e promovendo coesão social. Essa articulação confirma a tese central do artigo: o desenvolvimento catarinense é resultado de projetos coletivos, em que universidades comunitárias desempenham papel estratégico como mediadoras do conhecimento, inovação e internacionalização empresarial. Segundo Cário, o desenvolvimento de Santa Catarina se apoia em três pilares estruturantes:

1. Capital humano qualificado, resultante da atuação das universidades regionais;
2. Capacidades empresariais e tecnológicas locais, nutridas pela cooperação com os centros de pesquisa;
3. Governança territorial e articulação institucional, que asseguram continuidade e estabilidade ao modelo.

O autor enfatiza ainda que a internacionalização das empresas catarinenses depende da consolidação de um ambiente institucional inovador, capaz de oferecer suporte técnico, certificações, adequação a padrões internacionais e formação gerencial. Nesse contexto, as universidades comunitárias do Sistema ACADE tornam-se vetores da internacionalização e da inovação, ao traduzirem o conhecimento científico em resultados econômicos e sociais concretos.

A leitura de Cário reforça que a consolidação de um modelo regional de desenvolvimento sustentável exige densidade institucional, ou seja, uma rede de atores locais com legitimidade, autonomia e capacidade de cooperação. Essa densidade é precisamente o que o Sistema ACADE proporciona: uma estrutura territorializada de ensino superior, distribuída de forma equilibrada pelo estado, comprometida com o desenvolvimento endógeno e com o avanço tecnológico das regiões.

Quadro 1 – Universidades comunitárias e UDESC

Universidade	Mecanismos de inovação	Exemplos de ação	Impacto na internacionalização	Observações
Unesc	Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT), IdeiaLab, Incubadora de Startups	Desenvolvimento de protótipos industriais e de tecnologias sociais	Ampliação da competitividade industrial e acesso a mercados globais	Integração com setor metalmeccânico e químico

Univali	Parques Tecnológicos, Núcleo de Inovação, Projetos de Extensão Tecnológica	Consultorias em exportação, adequação a normas técnicas internacionais	Fortalecimento de setores naval, turístico e de biotecnologia marinha	Destaque em internacionalização acadêmica
Unoesc	Inova Unoesc, NIT, Parcerias com Arranjos Produtivos Locais (APLs)	Pesquisa aplicada em agroindústria e tecnologia educacional	Empresas rurais inseridas em cadeias globais de alimentos	Ênfase em inovação social e tecnológica
UnC	Laboratórios de Alimentos, Centro de Extensão Tecnológica	Desenvolvimento de produtos certificados para exportação	Pequenas indústrias regionais acessam mercados externos	Forte vínculo com desenvolvimento local
Uniarp	Núcleo de Inovação, Projetos Florestais e Madeireiros	Soluções para indústria de papel e móveis	Certificações ambientais e ampliação de exportações	Sustentabilidade e inovação verde
Uniplac	Incubadora Tecnológica, Projetos de Extensão em Engenharia	Startups regionais voltadas a energias renováveis	Inovação e sustentabilidade em microempreendimentos	Expansão de redes locais de inovação
Unidavi	Núcleo de Inovação e Empreendedorismo, Escritórios de Projetos	Apoio à inovação em pequenas empresas urbanas	Fortalecimento do ecossistema regional de inovação	Integração territorial no Alto Vale
Unifebe	Laboratórios de Inovação e Design, Programas de Extensão	Projetos de inovação em mobilidade urbana e indústria criativa	Inserção em redes internacionais de design	Foco em sustentabilidade e economia criativa
UDESC	Centros de Inovação, Parques Tecnológicos, Laboratórios de Pesquisa Aplicada	Cooperação tecnológica com empresas e municípios	Ampliação da inserção internacional do estado	Integração entre políticas públicas e comunitárias

Fonte: os autores (2026).

O Quadro 1 evidencia que as universidades comunitárias do Sistema ACAFE, juntamente com a UDESC, atuam como elementos estruturantes do ecossistema de inovação catarinense. Cada instituição desenvolve mecanismos específicos de apoio a empresas, seja por meio de Núcleos de Inovação Tecnológica (NITs), incubadoras de startups, laboratórios aplicados ou programas de extensão, mas a somatória dessas ações configura uma rede territorial de conhecimento e inovação que fortalece o desenvolvimento regional.

Essa articulação demonstra que a internacionalização das empresas catarinenses, tema central da obra de Cário (2025), não ocorre de forma isolada. Pelo contrário, ela é resultado de interações complexas entre universidades, empresas, governo e sociedade civil, configurando o que os estudos de inovação chamam de quintupla hélice. A experiência do Sistema ACAFE mostra que universidades comunitárias não se limitam à formação de capital humano; elas atuam diretamente na adaptação tecnológica, no desenvolvimento de produtos e processos e na inserção das empresas em cadeias globais de valor.

Um ponto relevante observado na análise é que essas instituições reduzem desigualdades regionais. Empresas localizadas fora dos grandes polos urbanos têm acesso a conhecimento e tecnologia por meio das universidades, permitindo que regiões tradicionalmente periféricas se insiram em mercados internacionais. Além disso, o fortalecimento das capacidades locais contribui para a sustentabilidade territorial, pois mantém talentos, promove emprego qualificado e integra inovação a setores estratégicos da economia catarinense.

A atuação articulada das universidades também reforça a tese central do artigo: o desenvolvimento catarinense é endógeno e colaborativo. A internacionalização das empresas é, assim, simultaneamente um indicador de sucesso econômico e um resultado da capacidade do território de gerar, distribuir e aplicar conhecimento de forma estratégica. A análise evidencia, portanto, que o Sistema ACAFE, ao atuar como rede de inovação, cumpre papel central na construção de um modelo de desenvolvimento regional sustentável, inclusivo e competitivo globalmente, alinhado com as evidências apresentadas por Cário (2025).

Impactos das experiências de inovação e internacionalização

A leitura integrada das experiências evidencia que o Sistema ACAFE e a UDESC conformam uma rede sinérgica de inovação territorial, com efeitos concretos sobre o

desenvolvimento regional e a competitividade global. Essa rede amplia a capacidade de absorção tecnológica, estimula a formação de novos empreendedores e fortalece as bases produtivas locais.

Entre os impactos observados, destacam-se:

- Aumento da capacidade inovadora de pequenas e médias empresas;
- Ampliação da base exportadora e acesso a novos mercados;
- Fortalecimento da governança local e regional, com universidades atuando como mediadoras entre poder público e setor produtivo;
- Promoção de sustentabilidade e inclusão social, incorporando inovação social como componente do desenvolvimento regional.

Dessa forma, o modelo catarinense demonstra que o desenvolvimento regional sustentável depende de redes de conhecimento territorializadas, nas quais universidades comunitárias, setor produtivo e poder público interagem continuamente para transformar potencial em prosperidade compartilhada.

Universidades comunitárias e inovação regional em Santa Catarina

As universidades comunitárias catarinenses constituem um fenômeno institucional singular no cenário brasileiro. Originadas da mobilização social e da atuação de fundações educacionais locais, essas instituições emergem como resposta às demandas por acesso à educação superior e desenvolvimento regional. Diferentemente das universidades privadas convencionais, orientadas pela lógica do lucro, ou das universidades públicas, sustentadas integralmente pelo Estado, as comunitárias assumem um modelo híbrido, de natureza pública não estatal, que conjuga autonomia administrativa, gestão democrática e compromisso social.

O Sistema ACAFE, criado em 1974, consolidou-se como o principal articulador dessa rede de universidades comunitárias. Atualmente, o sistema integra 16 instituições (incluindo a UDESC), distribuídas por todas as regiões do estado, constituindo uma malha de presença territorial que conecta centros urbanos, cidades médias e microrregiões. Essa capilaridade torna-se estratégica para o desenvolvimento equilibrado do território catarinense, ao permitir que o conhecimento científico e tecnológico alcance contextos socioeconômicos diversos, reduzindo assimetrias regionais e fortalecendo a coesão territorial.

O modelo catarinense de universidades comunitárias é fortemente orientado pela lógica da inovação regional, que se expressa por meio de ações concretas como incubadoras tecnológicas, parques de inovação, núcleos de extensão tecnológica, programas de inovação aberta e parcerias com governos locais e empresas. Essas ações configuram um ecossistema de inovação baseado na cooperação interinstitucional e na governança territorial, um arranjo que se alinha às concepções de desenvolvimento endógeno e sustentável defendidas por autores como Celso Furtado (1978) e Sílvio Cário (2013, 2022).

Segundo Cário (2013), o desenvolvimento regional não pode ser reduzido à expansão do capital, mas deve envolver a formação de capacidades locais, o fortalecimento das instituições e a criação de condições para que o conhecimento se converta em autonomia social e produtiva. Essa visão encontra correspondência nas práticas das universidades comunitárias, que operam como agentes mediadores entre saber e território, promovendo não apenas inovação tecnológica, mas também inovação social, isto é, a capacidade de resolver problemas públicos com soluções coletivas e sustentáveis.

A atuação das universidades comunitárias, nesse sentido, transcende a oferta de cursos ou a geração de pesquisa científica. Trata-se de um projeto civilizatório, que busca conectar a ciência ao cotidiano das comunidades, valorizando o capital humano, a diversidade cultural e os saberes locais. A interação entre academia, setor produtivo, governo e sociedade civil, configurada pela lógica da tríplice hélice (Etzkowitz; Leydesdorff, 2000), foi ampliada em Santa Catarina para uma abordagem de quádrupla e quádrupla hélice, incorporando os eixos da sustentabilidade ambiental e da cultura, dimensões hoje indispensáveis à inovação e ao desenvolvimento.

Dessa forma, o Sistema ACAFE consolida-se como um laboratório vivo de desenvolvimento regional, no qual se testam e implementam políticas públicas, tecnologias sociais, programas de formação profissional e iniciativas de empreendedorismo inovador. A articulação com órgãos como a FAPESC, FIESC, Governo do Estado e Prefeituras Municipais tem sido determinante para estruturar Centros Regionais de Inovação (CRIs), espaços que materializam a integração entre universidade e território e que operam sob o princípio da governança colaborativa. A seguir, serão examinadas, em subitens, algumas experiências concretas e dimensões analíticas que evidenciam o papel dessas universidades na consolidação de um modelo catarinense de desenvolvimento e inovação territorial.

Ecossistemas de inovação e governança territorial

O conceito de ecossistema de inovação constitui uma evolução das abordagens tradicionais sobre sistemas produtivos e de conhecimento. Inspirado inicialmente pela teoria dos sistemas regionais de inovação (Cooke, 2001) e pelo modelo da tríplice hélice (Etzkowitz; Leydesdorff, 2000), o termo passou a designar arranjos dinâmicos em que universidades, empresas, governos e sociedade civil interagem de modo articulado, com o objetivo de promover aprendizado coletivo, difusão tecnológica e desenvolvimento territorial. No caso de Santa Catarina, esse conceito assume contornos próprios, resultantes da forte presença das universidades comunitárias e da capilaridade institucional do Sistema ACADE.

A estrutura territorial catarinense, marcada por policentrismo urbano e diversidade econômica regional, favoreceu a formação de ecossistemas distribuídos, em que cada microrregião desenvolve vocações específicas articuladas à base produtiva local. Nesse contexto, as universidades comunitárias atuam como instituições-âncora, mediando a relação entre conhecimento científico e demandas sociais, bem como coordenando processos de inovação que envolvem setores empresariais, governos municipais e entidades da sociedade civil organizada.

A governança territorial emerge como elemento central desses ecossistemas. Ela não se limita à coordenação técnica, mas envolve processos participativos e horizontais de decisão, sustentados pela confiança mútua, pela coprodução de políticas públicas e pela corresponsabilidade institucional. Essa configuração reflete o que autores como Boisier (2001) e Vázquez-Barquero (2007) descrevem como desenvolvimento endógeno, isto é, aquele que nasce da capacidade local de organizar seus próprios recursos e redes de cooperação.

Os Centros de Inovação de Santa Catarina, instituídos a partir da política estadual coordenada pela FAPESC e pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Inovação, constituem expressão concreta dessa governança. Em sua maioria, contam com parceria direta das universidades comunitárias, que sediam ou operam esses espaços, integrando-os a seus programas de pós-graduação, núcleos de extensão tecnológica e incubadoras de empresas. Tal articulação reforça o papel das universidades como agentes de coordenação territorial e como vetores de internacionalização empresarial e tecnológica, conforme evidenciado por Cário (2025). A força desses ecossistemas reside precisamente em sua

densidade relacional: a capacidade de mobilizar atores heterogêneos em torno de propósitos compartilhados de desenvolvimento. Essa lógica contrasta com modelos verticalizados de inovação e aproxima-se do que Mazzucato (2019) denomina de “Estado empreendedor em rede”, no qual a inovação é resultado da cooperação público-comunitária e não de iniciativas isoladas.

Assim, a experiência catarinense demonstra que o desenvolvimento baseado em inovação não depende apenas de infraestrutura tecnológica, mas sobretudo de capital social, governança participativa e articulação institucional, elementos nos quais as universidades comunitárias têm papel insubstituível.

A internacionalização do conhecimento e a inserção global dos territórios universitários catarinenses

A internacionalização do conhecimento constitui um dos eixos mais estratégicos para o desenvolvimento contemporâneo, especialmente em regiões que buscam ampliar sua competitividade sem perder a identidade e a coesão territorial. No contexto de Santa Catarina, a atuação das universidades comunitárias do Sistema ACAFE revela um movimento crescente de integração internacional, tanto na esfera acadêmica quanto empresarial, com efeitos diretos sobre o dinamismo inovador e o reposicionamento global do estado. Inspiradas em uma concepção de desenvolvimento endógeno com projeção externa, essas universidades têm promovido redes de cooperação internacional que ultrapassam o intercâmbio tradicional de alunos e professores, incorporando parcerias tecnológicas, missões empresariais e projetos conjuntos de pesquisa aplicada. Esse processo alinha-se ao que Cário (2025) denomina de internacionalização enraizada, isto é, uma inserção global construída a partir da valorização das capacidades locais e do conhecimento territorialmente produzido.

No caso catarinense, a internacionalização não é compreendida apenas como estratégia de visibilidade institucional, mas como mecanismo de fortalecimento do tecido produtivo regional. Por meio de programas integrados com agências de fomento, sistemas de inovação e federações empresariais, como FIESC, FAPESC e ACAFE, as universidades contribuem para a difusão internacional das competências tecnológicas regionais, estimulando o surgimento de startups, o acesso a mercados externos e o intercâmbio de boas práticas em inovação.

Essa dinâmica amplia a capacidade de absorção tecnológica das empresas locais, que passam a integrar cadeias produtivas globais sem romper o vínculo com o território. Trata-se de um fenômeno de globalização, conceito trabalhado por Robertson (1995) e retomado por Cário (2025), no qual o global e o local se entrelaçam, permitindo que as instituições comunitárias operem como tradutoras culturais e tecnológicas entre esses dois níveis. Ao mesmo tempo, a internacionalização impõe novos desafios de governança e sustentabilidade institucional. As universidades comunitárias, com sua natureza pública não estatal, precisam equilibrar a abertura internacional com a fidelidade à sua missão regional. Isso exige planejamento estratégico de longo prazo, políticas de financiamento adequadas e mecanismos de avaliação que considerem o impacto territorial da cooperação internacional.

Nesse sentido, a inserção global das universidades comunitárias catarinenses reforça a visão de que o conhecimento é um bem público global, mas sua aplicação e difusão dependem das condições concretas de cada território. A construção de redes de aprendizagem e inovação com alcance internacional, mas enraizadas na realidade local, torna-se o diferencial competitivo do modelo catarinense de desenvolvimento. Como resultado, Santa Catarina consolida-se como um nó articulador de fluxos de conhecimento e inovação no cenário latino-americano, demonstrando que é possível combinar autonomia regional, vocação comunitária e projeção global, uma síntese que traduz a maturidade do sistema universitário comunitário e sua relevância para o desenvolvimento sustentável do estado.

Desafios e perspectivas para a consolidação de um modelo catarinense de desenvolvimento baseado no conhecimento

Apesar dos avanços expressivos, o modelo catarinense de desenvolvimento enfrenta desafios estruturais que colocam em questão sua sustentabilidade e capacidade de adaptação diante das novas dinâmicas globais. Esses desafios, ao mesmo tempo, configuram oportunidades estratégicas de reinvenção e fortalecimento do papel das universidades comunitárias como mediadoras entre conhecimento, território e inovação.

O primeiro e mais recorrente desafio diz respeito à sustentabilidade financeira das universidades comunitárias. Essas instituições, por sua natureza pública não estatal, dependem de uma composição complexa de receitas próprias, convênios, editais de fomento e parcerias institucionais. A ausência de um marco regulatório nacional específico para o

sistema comunitário torna-as vulneráveis a oscilações econômicas e a políticas públicas de curto prazo. A consolidação de mecanismos de financiamento estável, aliados a políticas de incentivo à pesquisa aplicada e à inovação regional, é fundamental para assegurar sua continuidade e capacidade transformadora.

Outro desafio relevante refere-se à descentralização e à equidade territorial da inovação. Embora o Sistema ACAFE esteja presente em praticamente todas as regiões de Santa Catarina, persistem desigualdades entre os centros mais industrializados e os territórios periféricos, especialmente no Planalto Serrano e no Extremo Oeste. A promoção de redes interuniversitárias de cooperação, integrando polos tecnológicos, núcleos de inovação e centros de pesquisa aplicada, é essencial para democratizar o acesso às oportunidades de conhecimento e de desenvolvimento. Essa perspectiva reforça a noção de coesão territorial destacada por Vázquez-Barquero (2007), segundo a qual o desenvolvimento regional sustentável requer articulação horizontal e solidariedade interterritorial.

A internacionalização do conhecimento, por sua vez, apresenta-se como um desafio estratégico e inevitável. As universidades comunitárias catarinenses têm avançado nesse campo, mas ainda enfrentam barreiras de recursos, idioma e políticas institucionais limitadas. O fortalecimento de programas de mobilidade acadêmica, intercâmbio científico e cooperação tecnológica internacional, com ênfase em redes latino-americanas e europeias, pode ampliar a visibilidade global da produção científica catarinense e impulsionar o protagonismo regional nas agendas de inovação. Conforme destaca Cário (2025), a internacionalização enraizada deve preservar a identidade territorial, convertendo a interação global em vetor de fortalecimento local.

No âmbito das políticas públicas, o fortalecimento da governança em rede continua sendo requisito central. A atuação articulada entre ACAFE, FAPESC, FIESC, SEBRAE, Governo Estadual e municípios precisa evoluir para uma lógica sistêmica de tríplice, quádrupla e quádrupla hélice, incorporando de modo efetivo a dimensão ambiental e a participação cidadã. O desenvolvimento sustentável exige que as políticas de inovação e competitividade industrial estejam integradas à agenda ecológica e social, conforme os princípios do ecodesenvolvimento de Sachs (2008) e do desenvolvimento humano de Sen (1999). A inovação não pode ser apenas tecnológica, deve ser também social, ambiental e institucional.

Por fim, o grande desafio estratégico do modelo catarinense é manter o equilíbrio entre crescimento econômico, inclusão social e sustentabilidade ambiental. Essa tríade, que historicamente orientou o desenvolvimento catarinense, precisa ser reinterpretada à luz da transição ecológica e digital do século XXI. As universidades comunitárias, por sua inserção territorial e vocação pública, possuem as condições ideais para liderar essa transformação, articulando saberes locais e globais, ciência e cidadania, tecnologia e ética. Assim, os desafios enfrentados pelo Sistema ACADE e pelas instituições comunitárias não se configuram como fragilidades, mas como potenciais de inovação institucional e política. A consolidação de um modelo catarinense de desenvolvimento baseado no conhecimento dependerá da capacidade de articular redes, diversificar fontes de financiamento e integrar sustentabilidade e inovação em um mesmo projeto civilizatório. Santa Catarina, ao afirmar sua singularidade nesse processo, pode se projetar como referência nacional e internacional em desenvolvimento territorial sustentável, evidenciando que o conhecimento, quando enraizado na comunidade, é o mais poderoso vetor de transformação social.

CONCLUSÕES

O desenvolvimento de Santa Catarina constitui um caso exemplar de articulação entre capital humano, conhecimento e cooperação institucional. Diferentemente de modelos centrados exclusivamente na acumulação econômica, o paradigma catarinense emergiu da sinergia entre comunidade, território e universidade, consolidando-se como um dos ecossistemas mais robustos de inovação regional do Brasil. As universidades comunitárias do Sistema ACADE são o núcleo articulador desse processo, operando como mediadoras entre ciência e sociedade, e convertendo conhecimento em desenvolvimento social e tecnológico.

A análise evidenciou que o modelo catarinense reflete um processo endógeno de desenvolvimento, orientado por valores comunitários e por uma lógica de governança em rede. O papel das universidades transcende o campo educacional, estendendo-se à formação de capital social, à difusão de tecnologia e à geração de oportunidades territoriais. Essa configuração confirma a pertinência do pensamento de Sílvia Cário (2025), ao identificar que o desenvolvimento regional sustentável depende da autonomia institucional, da internacionalização enraizada e da capacidade de transformar o conhecimento local em bem público.

Do ponto de vista teórico, a abordagem adotada demonstra a vitalidade das contribuições de Furtado, Sen, Sachs e Mazzucato, ao articular as dimensões econômica, humana, ecológica e institucional do desenvolvimento. A partir dessas perspectivas, compreende-se que a inovação não é apenas um processo tecnológico, mas também um fenômeno social e civilizatório, que requer participação, equidade e visão de futuro. O caso catarinense reafirma que a verdadeira riqueza de uma região reside em suas capacidades humanas e coletivas, no poder de transformar o saber em bem comum.

Entre os principais desafios, destacam-se a sustentabilidade financeira das universidades comunitárias, a redução das assimetrias regionais, a ampliação da cooperação internacional e a integração da sustentabilidade ambiental às agendas de inovação. Enfrentá-los exigirá estratégias conjuntas entre universidades, governos e setor produtivo, com políticas de longo prazo que reconheçam o caráter público das instituições comunitárias e valorizem seu papel estratégico no desenvolvimento regional. As oportunidades, por sua vez, são igualmente significativas. A consolidação do Sistema ACAFE como rede articuladora de conhecimento, inovação e cidadania abre caminho para que Santa Catarina se torne referência em desenvolvimento territorial sustentável, não apenas no Brasil, mas em escala internacional. A força desse modelo está na capacidade de unir raiz e horizonte, de combinar identidade local com inserção global, tradição comunitária com inovação tecnológica, e prosperidade econômica com justiça social.

Conclui-se, portanto, que o futuro do desenvolvimento catarinense dependerá de sua habilidade em preservar o caráter comunitário e colaborativo de suas instituições, transformando a produção de conhecimento em um processo coletivo, participativo e emancipador. As universidades comunitárias não são apenas agentes de ensino e pesquisa, são instituições de sentido, guardiãs do compromisso ético entre o saber e o bem comum. Em tempos de incertezas globais, a experiência catarinense demonstra que é possível inovar sem romper com a comunidade, crescer sem destruir o território e internacionalizar-se sem perder a alma

REFERÊNCIAS

ACAFE. Associação Catarinense das Fundações Educacionais. **Relatórios institucionais e estatísticos 2020–2022**. Florianópolis: ACAFE, 2022.

CARAYANNIS, E. G.; CAMPBELL, D. F. J. Triple Helix, Quadruple Helix and Quintuple Helix and how do knowledge, innovation and the environment relate to each other?. **International Journal of Social Ecology and Sustainable Development**, v. 1, n. 1, 2010.

CÁRIO, S. **Desenvolvimento regional e economia solidária**: teoria e prática. São Paulo: Loyola, 2013.

CÁRIO, S. **O desenvolvimento territorial e a inovação social**: experiências brasileiras. Florianópolis: Insular, 2017.

CÁRIO, S. **Internacionalização da economia e dos negócios em Santa Catarina**. Blumenau: FURB, 2025.

ETZKOWITZ, H.; LEYDESDORFF, L. The dynamics of innovation: from National Systems and “Mode 2” to a Triple Helix of university–industry–government relations. **Research Policy**, v. 29, n. 2, p. 109–123, 2000.

FAPESC. Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina. **Mapeamento dos ecossistemas de inovação de SC**. Florianópolis: FAPESC, 2021.

FIESC. Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. **Relatório de competitividade e inovação**. Florianópolis: FIESC, 2023.

MAZZUCATO, M. **O Estado empreendedor**: desafiando o mito do setor público preguiçoso. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

PREBISCH, R. **The economic development of Latin America and its principal problems**. New York: United Nations, 1950.

SACHS, I. **Desenvolvimento sustentável**: conceito e dimensões. São Paulo: Contexto, 2008.

SANTOS, B. de S. **A Universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória do saber. Coimbra: Almedina, 2008.

SEN, A. **Development as freedom**. New York: Knopf, 1999.